

AFROCENTRICIDADE E QUILOMBISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS NA EDUCAÇÃO¹

AFROCENTRICITY AND QUILOMBISM: THEORETICAL ASSUMPTIONS TO HELP IN EDUCATION

AFROCENTRICIDAD Y QUILOMBISMO: CONSIDERACIONES INICIALES EN EDUCACIÓN

Marcos Borges dos Santos Júnior²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo refere-se a um trabalho acadêmico-científico que tem por objeto debater as construções conceituais de Afrocentricidade e Quilombismo, de modo a manifestar os meios de resistência da população africana e afrodiaspórica que reverberam na população negra brasileira, a fim de auxiliar na educação formal como luta antirracista. Tal produção procura percorrer as manifestações dos conceitos (suas causas e consequências) a partir da concretude vivida para apontar caminhos de luta antirracista no âmbito da educação. Os motivos para tal debate surgem à medida que ocorre um crescimento de acesso da população negra brasileira em todos os campos da sociedade, assim refletindo uma necessidade em ponderar os limites e as (re)significações dos conceitos. Deste modo, este artigo foi desdobrado em três seções: Afrocentricidade e quilombismo: qual é a definição de tais conceitos? Educação: posicionamentos intelectuais do Movimento Negro e da população negra brasileira; Afrocentricidade e Quilombismo na educação: reflexões substanciais. É constantemente necessário ampliar e revisitar as produções “afrodiaspóricas” a fim de desvencilhar o apagamento histórico cotidianamente feito. Assim, tem-se a urgência de relacionar produções concretas com necessidades concretas.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Quilombismo; Educação; Episteme; População negra brasileira.

Abstract

This article is an academic-scientific work that aims to discuss the conceptual constructions of Afrocentricity and Quilombismo, demonstrating the means of resistance of the African and Afro-diasporic population that resonate within the Black Brazilian population. This work aims to support formal education as an anti-racist struggle. This work seeks to explore the manifestations of these concepts (their causes and consequences) based on lived experience to identify paths for anti-racist struggle within education. The reasons for this debate arise as access by the Black Brazilian population increases in all areas of society, reflecting a need to consider the limits and (re)significations of these concepts. Thus, this article is

¹ O texto intitulado inicialmente “Quilombismo e afrocentricidade: considerações iniciais na educação” foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo no Curso de Pós-graduação stricto sensu “Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras” pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) em 04 de novembro de 2024. Este artigo teve alterações para se adequar as solicitações requisitadas pela revista.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGECC - FEBF/UERJ). Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Professor Substituto pelo Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP - UERJ). Email: cunhaip2013@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6458-8542> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8054305687262503>

divided into three sections: Afrocentricity and Quilombismo: What is the definition of these concepts? Education: Intellectual Positions of the Black Movement and the Black Brazilian population; Afrocentricity and Quilombismo in Education: Substantial Reflections. It is constantly necessary to expand and revisit "Afro-diasporic" productions in order to unravel the daily historical erasure. Thus, there is an urgent need to connect concrete productions with concrete needs.

Keywords: Afrocentricity; Quilombism; Education; Episteme; Brazilian black population.

Resumen

Este artículo es un trabajo académico-científico que busca discutir las construcciones conceptuales del afrocentrismo y el quilombismo, demostrando las formas de resistencia de la población africana y afrodiaspórica que resuenan en la población negra brasileña. Este trabajo busca apoyar la educación formal como una lucha antirracista. Busca explorar las manifestaciones de estos conceptos (sus causas y consecuencias) con base en la experiencia vivida para identificar caminos para la lucha antirracista dentro de la educación. Las razones de este debate surgen a medida que la población negra brasileña aumenta su acceso a todos los ámbitos de la sociedad, lo que refleja la necesidad de considerar los límites y las (re)significaciones de estos conceptos. Por lo tanto, este artículo se divide en tres secciones: Afrocentrismo y quilombismo: ¿Cuál es la definición de estos conceptos? Educación: Posiciones intelectuales del movimiento negro y la población negra brasileña; Afrocentrismo y quilombismo en la educación: Reflexiones sustanciales. Es necesario expandir y revisar constantemente las producciones afrodiaspóricas para desentrañar el borrado histórico cotidiano. Existe, pues, una necesidad urgente de conectar producciones concretas con necesidades concretas.

Palabras claves: Quilombismo; Afrocentrismo; Educación; Episteme; Población negra brasileña.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a um trabalho acadêmico-científico que tem por objeto debater as construções conceituais de Afrocentricidade e Quilombismo, de modo a manifestar os meios de resistência da população africana e afrodiaspórica que reverberam na população negra brasileira, a fim de auxiliar na educação formal como luta antirracista. Tal produção procura percorrer as manifestações dos conceitos, suas causas e consequências, a partir da concretude vivida para apontar caminhos de luta antirracista no âmbito da educação. Não somente evocar estes conceitos, mas também demonstrar que atentamente a população negra brasileira está promovendo meios de (re)existir e se expandir através da educação.

Os motivos para tal debate surgem à medida que ocorre um crescimento de acesso da população negra brasileira em todos os campos da sociedade, assim refletindo uma necessidade em ponderar os limites e as (re)significações dos conceitos. Assim como a população negra brasileira, que, pelo menos desde o século XX, vem direcionando suas forças, por exemplo, no campo da educação para enfrentar as adversidades. Aqui não está somente enfrentar conceitos dominantes no Brasil, que é o caso do eurocentrismo, mas também trazer outras possibilidades conceituais para a diversidade epistêmica.

Para a produção do artigo serão apresentados alguns questionamentos do “mundo vivido”: “O que significam realmente os conceitos de ‘Afrocentricidade e Quilombismo’?”;



“Quais as pulsões históricas que a população negra brasileira fez (e faz) para (re)existir?”; “Quais as relações que podem existir entre ‘Afrocentricidade e Quilombismo’ e educação?”; e “O que se tem construído até agora?” Tais perguntas são passos iniciais para a investigação conceitual deste trabalho, como meio de orientação.

Deste modo, este artigo foi desdobrado em três seções: Afrocentricidade e quilombismo: qual é a definição de tais conceitos? Educação: posicionamentos intelectuais do Movimento Negro e da população negra brasileira; Afrocentricidade e Quilombismo na educação: reflexões substanciais.

É constantemente necessário ampliar e revisitar as produções “afrodiaspóricas” a fim de desvencilhar o apagamento histórico cotidianamente feito. Assim, tem-se a urgência de relacionar produções concretas com necessidades concretas.

AFROCENTRICIDADE E QUILOMBISMO: QUAL É A DEFINIÇÃO DE TAIS CONCEITOS?

A definição de uma palavra, termo ou conceito só é possível mediante o contato com a concretude do espaço/tempo vivido do “ser”. Isto significa a impossibilidade de criar um “elemento” a partir da inexistência, em que as percepções e constituições do mundo vivido³ são evocados constantemente no cotidiano para apreendermos os acontecimentos. O *black hole*⁴ é um exemplo, já que, antes da sua *captura fotográfica*, a concretude matemática e física apontava a sua existência. A partir dos elementos constituintes da língua com a relação a sua própria constituição, é nomeado como *black hole*. O mesmo ocorre com o conceito de *Afrocentricidade* e *Quilombismo*.

Afrocentricidade e *Quilombismo* são conceitos que estão acoplados dentro do campo das questões étnico-raciais, ou seja, dentro do espectro científico que reflete a relação da sociedade com o indivíduo, seja na etnia e/ou raça. Portanto, tais conceitos surgem a partir das demandas (pressões) sociais a fim de direcionar uma mudança no *mundo vivido*. Mas então, o que é *Afrocentricidade* e “*Quilombismo*”?

³ Neste momento é necessário explicitar inicialmente o termo “mundo vivido”. Aqui refere-se a uma constituição concreta da realidade focada na multidimensionalidade contínua e autocriadora de si mesma. A realidade impressa através das multidimensionalidades entre “Eu” e “Outro” não se desvencilha do fato que, para existirem, distinguem-se e se definirem, volta-se para o contato, o processo, as relações. Diferentemente de uma escolha que perpassa por múltiplas dimensões experienciais, o termo “mundo vivido” engloba a multidimensionalidade do experimentar e sentir para ser a própria concretude da realidade. Dizer que os conceitos surgem para o “mundo vivido” significa que o “Mundo vivido” busca se alterar continuamente através de um recorte dimensional do experimentar e sentir.

⁴ “*Black hole*” é uma terminologia em inglês para se referir a locais do universo nos quais o campo gravitacional age em tal intensidade que os elementos (sejam partículas ou radiação) não conseguem escapar.



O conceito de *afrocentricidade* foi produzido por Molefe Ketí Asante⁵ (1942 – presente) ao longo dos anos através dos três livros: *Afrocentricidade* de 1980; *A ideia afrocêntrica* de 1987, e *Kemet, afrocentricidade e conhecimento*, de 1990. Diz respeito à constituição de uma orientação existencial acerca da população africana e afrodiaspórica⁶, que se reflete na população negra brasileira – forças matrizes epistêmicas ancestrais e/ou de outras gerações negras apreendidas como afrodiaspóricas – para auxiliar na reorientação/localização espaço/temporal. Conforme Asante articula:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos [a África e sua diáspora] deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (Asante, 2009, p. 93).

Como pode-se observar, o paradigma afrocêntrico busca uma orientação epistêmica e ôntica a partir dos laços afrodiaspóricos com a África, sendo tal deslocamento produzido por séculos de *desumanização*. Não é apenas evocar a africanidade que significa incorporar os costumes e ideias (talvez de modo idílico) do continente africano, mas também avançar em uma pluralidade epistemológica, apresentando a população africana e diaspórica como protagonista da sua própria vida.

Qualquer sujeito tem a possibilidade de ser afrocêntrico, desde que projete a destituição do racismo e suas variadas manifestações. Assim, para projetar o paradigma afrocêntrico na população africana e diaspórica, Asante (2009) traz características básicas para tal constituição: “interesse pela localização psicológica; compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; defesa dos elementos culturais africanos; compromisso com o refinamento léxico; compromisso com uma nova narrativa da história da África” (Asante, 2009, p. 96).

No que tange à Afrocentricidade, dois pilares são fundamentais: agência e agente.

⁵ Molefi Kete Asante (1942 – presente) é um afro-estadunidense (intitulando-se africano em diáspora), Ph.D. pela Universidade da Califórnia aos 26 anos. Também é professor titular do Departamento e criador de Estudos Africano-Americanos da Universidade Temple, Filadélfia (EUA). Mais informações da biografia do autor: <https://liberalarts.temple.edu/academics/faculty/kete-asante-molefi>. Acesso em: 31 dez. de 2024.

⁶ O termo “afrodiaspórica” ou “diáspora” é comumente utilizado para aludir à dispersão da população africana no planeta Terra, principalmente com os 400 anos do sistema escravocrata europeu. Há também a percepção de que a afrodiaspóra seja a 6.ª região do continente africano, sendo compreendido como um território virtual (Nogueira, 2014).



Agência são os aparatos psicológicos, sociais e culturais disponibilizados à população africana e diaspórica para determinado uso. A escola, por exemplo, não é uma agência se não promove o desenvolvimento da população negra brasileira ou/e é permeado pelo racismo. Agente é a definição da população africana e diaspórica capaz de agir referente aos seus próprios interesses. Aquelas pessoas que agem para promover o racismo não são consideradas agentes. Deste modo, tem-se uma disputa sobre a localização, pois é nela onde os sujeitos estarão fincados no espaço/tempo.

A afrocentricidade, não como conceito difundido, mas sim experienciado, é evocado nas práticas do cotidiano da população negra brasileira, por exemplo, nas construções arquitetônicas nas quais há os símbolos adinkra⁷, nas produções culturais como o samba, ou mesmo nos modos de sociabilidades com o respeito aos mais velhos. Assim, é possível perceber que há uma (re)localização contínua pelas produções negras dentro das transformações que ocorreram e ocorrem na contemporaneidade. Esta (re)localização através de agências ganha dimensões macro a partir das instituições de ensino, como escolas ou universidades.

Já *Quilombismo* é um conceito sistematizado por Abdias Nascimento (1914 – 2011), conforme Elisa Larkin Nascimento (2023) nos aponta, apresentado primeiramente ao 2.º Congresso de Culturas Negras das Américas no Panamá em 1980, e posteriormente, no mesmo ano, no Brasil, publicado com o nome *O quilombismo: documentos de uma militância Pan-Africanista*.

Sem esquecermos que todo conceito também é um posicionamento político, o Quilombismo refere-se a uma reformulação existencial da sociedade, tangenciado na movimentação da população negra brasileira acerca das relações fraternas, livres e comunitárias. Nas palavras de Nascimento (2019, p. 305):

O quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implementação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo de República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país.

Aqui temos duas preponderações: o reconhecimento da *República dos Palmares* como Estado-Nação (a partir do autor), que perdurou por décadas, e um aparente resgate da herança cultural *Afro-brasileira*.

⁷ Os símbolos Adinkra fazem parte do complexo sistema de escrita africano. São imagens reverberadas em símbolos que expressam as ideias da cultura Ashanti (Nascimento, 2022).



Aprofundando os apontamentos no Quilombismo, Nascimento é sucinto nas circunstâncias da criação conceitual:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetamos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam essa colocação. Como sistema econômico, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema, as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalecentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. O compasso e o ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis de uma vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Não há propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza – todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa, no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana de que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. Liberto o trabalhador da exploração e do jugo embrutecedor da produção tecnocapitalista, sua desgraça deixará de ser o sustentáculo de uma sociedade burguesa parasitária que se regozija no ócio de jogos e futilidades (Nascimento, 2009, p. 205).

Assim, a proposta Quilombista não é apenas uma resignificação existencial, mas também política, econômica e cultural acerca da compreensão da relação entre sujeito e sociedade. Proposta ousada para a época, já que o neoliberalismo começara a penetrar a América do Sul como outra proposta para solucionar as crises econômicas e políticas. Também não é uma proposta nova, já que as forças matrizes se encontram na ancestralidade da população africana que fora escravizada e deslocada para a América. Deste modo, a proposta vem “renovar, criticar, ampliar e atualizar nosso conhecimento já existente” (Nascimento, 2019, p. 66).

Mas que ancestralidade é esta? Nascimento deixa explícito:

Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos legaram um patrimônio de prática quilombista. Cumpre aos negros atuais manterem e ampliarem a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade. Método de análise, compreensão e definição de uma experiência concreta, o quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que os africanos derramaram como pés e mãos edificadores da economia deste país. Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no front da criação teórico-científica (Nascimento, 2009, p. 205).



Uma práxis explícita é a proposta, isto é, a tensão entre intelectualidade e materialidade que reverbera em ações do dia a dia, que chegam à população negra como ancestralidade. Sendo assim, promover a continuidade ao quilombismo é celebrar a ancestralidade e manter viva a memória das gerações que vieram antes. Um posicionamento político, mas também uma ciência viva, que reflete na formulação teórica, sistêmica e consistente, servindo aos interesses da população negra brasileira.

Afrocentricidade e Quilombismo, duas propostas manifestadas que vêm para auxiliar no enfrentamento ao racismo. Saindo do escopo eurocêntrico⁸ que é imposto à população negra brasileira, Nascimento nos diz:

Ao afirmar a necessidade de restabelecer e valorizar o centro africano como ponto de articulação de ativismo social e produção intelectual, a afrocentricidade e o quilombismo rejeitam a hegemonia. Reconhecem como válidos outros centros não hegemônicos, sempre em diálogo, como fulcro da construção de uma convivência humana multipolar, em condições igualitárias e de respeito mútuo (Nascimento, 2023, p. 22).

Orientação ou representatividade epistêmica significa outros pontos de referência existencial/dimensional do *mundo vivido*. Trata-se de uma pluriversalidade dos saberes que o paradigma hegemônico (a aglutinação dos saberes por uma *regra* em comum: a universalidade) não reconhece. Importante salientar que a representatividade estética não significa necessariamente o questionamento epistemológico da hegemonia, já que os elementos deslocados são os sujeitos que conduzem a epistemologia hegemônica, isto é, não atinge a principal questão: a necessidade concreta da visibilidade e inserção de outros saberes pluriversais.

Tais epistemologias (Afrocentricidade e Quilombismo) vêm como proposta para recuperar e fortalecer o centro, isto é, a formação do *ser africano* que reverbera na população negra brasileira. Esta rearticulação dos saberes africanos e diaspóricos afirma o compromisso de diálogo entre o intelectual e o ativista social, produzindo uma vivência múltipla, com respeito mútuo (Nascimento, 2023).

Evocação epistemológica da Afrocentricidade e Quilombismo significa de antemão um saber filosófico:

⁸ *Eurocêntrico* ou *Eurocentrismo* aqui é entendido a partir de uma construção sistematizada e analítica sobre a percepção da vida entre os europeus. Tal percepção (com suas *cargas ancestrais* na Grécia) está lincada principalmente no sentido da visão em detrimento de outros sentidos físicos ou/e subjetivos. Também se tem uma sobreposição sobre seu modo de vida a outras percepções, vide o sistema escravocrata europeu.



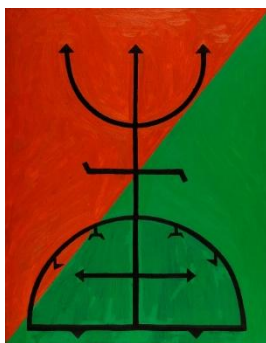
Se um saber só pode ser efetivamente filosófico, isto é, preencher os critérios específicos que diferenciam a filosofia dos outros saberes – a filosoficidade – através das condições geopolíticas de sua produção – a saber: condições ocidentais –, a filosofia precisaria estar sempre ligada, articulada ou mantendo algum tipo de diálogo com pressupostos e temas erigidos pelos gregos. Eu rechaço esse raciocínio e trago outro argumento para a nossa pesquisa. Se a filosofia ocidental tem historicamente sido constituída por uma visão etnocêntrica – no caso, o eurocentrismo ou eurocentricidade –, essa visão tenderia a excluir outros estilos, linhas e abordagens filosóficas, negando a legitimidade epistemológica dessas abordagens filosóficas que não são ocidentais (Noguera, 2014, p. 28).

Concordo com Noguera (2014) acerca da formulação filosófica eurocêntrica que impõe um *estilo* ou *estética* para estruturar o que é ou não é saber filosófico. O eurocentrismo decorre na contemporaneidade (pelo menos no Brasil) como uma episteme normativa, universal e aglutinadora de outras percepções de vida. De modo geral, na sociedade brasileira o eurocentrismo é tratado de modo natural, fazendo com que as pessoas tratem todo um genocídio/epistemicídio da população africana, indígena e negra brasileira como sendo um passado não mais retornado. Negar outros saberes marginalizados, como Afrocentricidade e Quilombismo, é só mais um racismo eurocêntrico praticado ao longo dos séculos.

Dentro de tais propostas existenciais, cabe a seguinte pergunta: o que os motivou a explicitarem esta orientação epistêmica? Quais disputas são trazidas? Quais embates serão externalizados direta e indiretamente? Trata-se a priori de uma luta contra o racismo, não nos moldes *harmoniosos* entre a existência do antirracismo e capitalismo, e sim da disputa do *mundo vivido*. Quando se pondera a pluriversalidade como paradigma de modos de vida, não significa que não haverá uma disputa sobre os centros de constituição e propagação da constituição do *mundo vivido*. Tanto Asante quanto Nascimento ponderam que a unidade africana, afrodiaspórica e/ou negra brasileira vem mediante a diversidade.

Afrocentricidade e Quilombismo são dois conceitos carregados de saberes produzidos pela África e diáspora, meios de vivência do dia a dia, de (re)existência no movimento circulatório da vida e continuidade daqueles que vieram antes de nós. Inclusive, Quilombismo tem um símbolo produzido por Nascimento (1980), vejamos:



Figura 1 - Quilombismo (Exu e Ogum)

Fonte: Abdias Nascimento, 1980.

O símbolo representa Exu e Ogum, Orixás africanos, sendo a capa do livro *O Quilombismo*, de 1980.

EDUCAÇÃO: POSICIONAMENTOS INTELECTUAIS DO MOVIMENTO NEGRO E DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA

No deslocamento epistemológico produzido pela afrodiáspora com os múltiplos conceitos, por exemplo Afrocentricidade ou/e Quilombismo, o Movimento Negro (MN) brasileiro, a fim de direcionar a luta antirracista (ou simplesmente existir), expandiu-se em diversos lócus de constituição social do ser, vide a educação, adentrando consequentemente no sistema de ensino e na escola. Inserir tais epistemologias e/ou outras seria (e é) um grande desafio, já que a configuração sistêmica da educação na contemporaneidade é projetada para a manutenção das desigualdades étnico-raciais.

Mário Theodoro, no que diz respeito à constituição e perpetuação da desigualdade social tendo como um dos pilares a branquitude aponta que:

Elites econômicas e classes médias convergiam no sentido de assegurar a higidez do sistema educacional. E higidez aqui se refere ao sentido eugênico do termo, que até hoje vige no Brasil. De um lado, a escola privada é a garantia de que os pobres e pretos não irão ladear os alunos filhos das classes médias brancas. De outro, a melhoria do ensino público traria impactos sobre os diferenciais de qualidade e prejudicaria o mercado privado da educação. Em outras palavras, a educação de qualidade não pode ser acessada pelas classes populares, sob risco de se perder a função atual do sistema escolar na sociedade: ser uma das principais correias de transmissão da desigualdade inter-racial (Theodoro, 2022, p. 204-205).

A “melhoria do ensino público” pode ser compreendida no sistema econômico-político capitalista como o aumento na possibilidade de competição sobre os recursos preexistentes. Desviando de um tangenciamento *humanístico* da constituição social do ser,



a luta pelos recursos significa a própria sobrevivência, ou pelo menos a melhora na qualidade de vida.

Deste modo, a manutenção da precariedade no ensino público reproduz a desigualdade *inter-racial*, uma vez que o corpo discente da escola pública é composto em sua maioria pelas pessoas negras, isto é, trata-se da manifestação do racismo na composição da *estrutura* educacional⁹.

Dispondo de um projeto educacional (do sistema de ensino e da escola) acerca da manutenção da desigualdade *inter-racial*, também se encontra dificuldade de trabalhar tais temas. Ivan Costa Lima deixa esta questão explicada.

Decerto que, ao visualizar grande parte dos projetos educacionais, pode-se argumentar existir uma ausência para o debate das relações raciais no âmbito escolar. Por vezes, torna-se um projeto específico desenvolvido por um professor/a, mas não como advoga a reflexão trazida pelos estudiosos do tema, como uma ação sistemática e intencional de toda a escola ao longo do processo educativo e não simplesmente acionando datas específicas para o trato de uma educação antirracista (Lima, 2021, p. 41-42).

É possível extrair de Lima o direcionamento no debate das relações étnico-raciais ao nível individual, isto é, a diminuição valorativa de trabalhar tal tema em coletivo ao ponto de arquitetar apenas mediante ao plano individual. Se o âmbito individualista não dialoga com o coletivo, outro ponto a refletir é somente a utilização de datas comemorativas para serem trabalhados tais temas. As datas comemorativas são utilizadas como subterfúgio de relevância em determinados contextos, mas deslocadas de uma realidade concreta na totalidade. Seja pela possível abertura a partir destes temas ou das datas comemorativas, é perceptível a projeção das questões étnico-raciais como um problema diminuto, irrelevante, ou não importando o suficiente para que seja conduzido ao coletivo, mesmo com a lei n.º 10.639/2003¹⁰.

Uma tensão se cria com o MN acerca das pressões sociais: a necessidade da *desconstrução* de conhecimentos que transitam na sociedade com a inserção das produções epistemológicas negras (as quais podem ser lidas como produções afro-

⁹ É possível surgir a ideia de que *o racismo nasce mediante a desigualdade econômica, sendo então uma desigualdade de classes* como argumento para defender determinados interesses. Contudo, a própria manutenção e direito de usufruir dos recursos vêm mediante a constituição da branquitude, pela qual o ser branco (observado pela tonalidade de pele) lhe dá direito *humanístico, biológico, religioso e existencial* de deter os recursos. Para leituras complementares recomendo Gislene Aparecida dos Santos, com o livro *A Invenção do ser 'negro': um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros* (2002) e Carlos Moore, com o livro *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo* (2012).

¹⁰ Lei que obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica das redes pública e privada.



brasileiras, africanas ou de matriz africana). Lima demonstra alguns dos questionamentos que o MN fez:

[...] o desconhecimento na sociedade e na história da educação brasileira de proposta pedagógica desenvolvida pelo Movimento Negro no Brasil, nos sistemas de ensino, apresenta-se como um problema a ser superado. Como essa proposta se constitui numa sociedade marcadamente discriminatória? Quais os limites e avanços para a alteração dos sistemas de ensino e como lida com a aparente contradição entre as pesquisas educacionais no campo acadêmico. Cunha Júnior (1999, p. 22) aponta que “os temas mais trabalhados em pesquisas universitárias envolvendo afrodescendentes é a temática da identidade étnica e as representações sociais”. Existe, portanto, uma lacuna sobre as propostas educativas formuladas pelo Movimento Negro (Lima, 2017, p. 39-40).

Tal lacuna sobre as propostas educativas do MN e da população negra ao longo da história do Brasil não é necessariamente a inexistência – já que existiu a criação de uma escola para pretos e pardos no bairro de Ingá em Niterói (Villela; Dias; Chagas, 2009, p. 11 *apud* Sales, 2014), ou propostas pedagógicas como Pretagogia ou Escola Multicultural (Lima, 2017; 2021) – mas sim as barreiras para a disseminação de tais conhecimentos. Trata-se de uma disputa epistemológica sobre quem deterá a produção e manutenção do conhecimento, pois a partir de tal episteme se condicionará a constituição do *ser*. Em uma sociedade racista como a brasileira, discorrer sobre qualquer outra episteme eurocêntrica ou que não entre numa representatividade estética eurocêntrica é perigoso, já que poderá questionar os nomos, os lócus de produção de conhecimento, as relações constituintes, dentre outros elementos da sociedade.

Esta disputa epistêmica, que consequentemente recairá nos lócus da sociedade como o sistema de ensino e a escola, é retratada do seguinte modo por Sales Augusto dos Santos:

Desse modo, os(as) negros(as) intelectuais passaram a intervir diretamente na produção do conhecimento científico, em especial na área de relações raciais, questionando-a profundamente, revisando ou desconstruindo conhecimentos colonizadores, eurocêntricos ou brancocêntricos; buscaram e buscam, enfim, desestruturar ou desconstruir ideologias que afirmam, manifesta ou latentemente, ser o Brasil um país racialmente democrático, ou que afirmam que não há necessidade de políticas de promoção da igualdade racial, como, por exemplo, ações afirmativas, para eliminar ou mesmo minimizar as desigualdades raciais existentes neste país. Mais do que isso, os(as) negros(as) intelectuais passaram a questionar e desestruturar profundamente, por meio de suas produções acadêmico-científicas, o controle de alguns intelectuais brancos conservadores sobre a pesquisa e o estudo das relações raciais brasileiras, o seu modo de fazer essas pesquisas, bem como as suas propostas para a superação das desigualdades raciais entre negros e brancos (Santos, 2014, p. 267).



A intelectualidade negra brasileira, pelo menos desde o século XX, questiona a *harmonia* das relações brasileiras, tendo como um dos pontos iniciais a academia-ciência. Interessante notar que tal questionamento utiliza-se da mesma instrumentalização do aporte teórico-acadêmico-científico que o racismo usa para construir uma luta Antirracista. Questionar a validade científica e a proposta de superação racista reverbera na produção de novos aportes teórico-acadêmico-científicos, como Afrocentricidade e/ou Quilombismo.

Seja como for, a existência de produções teórico-acadêmico-científicas sobre as questões étnico-raciais suscita na expansividade da população negra brasileira, na ocupação de espaços muitas vezes denegados, para que possam ser constituintes de lócus de produção epistêmica a partir de uma lógica, com o questionamento dos livros didáticos e paradidáticos no sistema de ensino, por exemplo.

Quaisquer empresas, grupos editoriais e consórcio de empresas, desde que sejam brasileiras e atendam aos trâmites burocráticos relativos à documentação e registro, podem participar do processo de avaliação e seleção. Isso nos autoriza dizer que poderosos grupos institucionalizados levam vantagem sobre os demais, pois, na medida em que conseguem organizar-se através do capital, conseguem fazer triagem de obras de autores com maior legitimidade dentro do mercado editorial, autores esses com mais experiência e com uma pedagogia enquadrada dentro dos parâmetros tradicionais que se enquadram os currículos escolares (Jesus, 2017, p. 124).

O questionamento de Jesus é fundamental para a abertura crítica das produções eurocêntricas no sistema de ensino. Qual a possibilidade, por exemplo, do Doutor em Filosofia Renato Nogueira, que tem (ou teve) nas suas pesquisas os estudos *afrodiaspóricos*, implementar um livro didático sobre filosofia no ensino médio que desloca a eurocentricidade e traz os ditos saberes marginais, em uma contraposição a grupos editoriais que detêm os saberes processuais, burocráticos, e com capital para constituir um livro didático? Jesus, durante sua pesquisa, salienta ainda a necessidade do MN ponderar neste tópico.

Como é observado, as tensões são expostas à medida que ocorre a expansividade da população negra e do MN em todas as áreas. De modo sucinto, ao adentrar na educação, são demonstradas lacunas a serem ressignificadas. O debate epistêmico das questões étnico-raciais na educação (e no sistema de ensino e escola) criara abertura para a inserção das produções marginalizadas como o hip-hop¹¹ no Brasil.

¹¹ Conforme enuncia Messias (2015), hip-hop é um movimento estético-político e sociocultural de proporções ressignificativas da plasticidade de elementos circulatórios para construir uma identidade crítica, geralmente alimentado pela coletividade.



Hip-hop é um exemplo interessante de evocar, já que é habitualmente marginalizado, sendo lincado imagetivamente e concretamente em armas, drogas, prostituição, gangues, conflitos, violência, dentre outros, *tudo* produzido a partir da população negra. Para além desta percepção conflituosa, o não debate epistêmico, ou, em outras palavras, a brancura brasileira, seria impensável abstrair *algo* do Hip-hop, muito menos compreendê-lo como educacional.

O hip-hop cresceu em meio à escassez simbólico-material, por isso, desde o início na Jamaica/Estados Unidos projetou recuperar jovens delinquentes, resgatar história, estima, noção de respeito societário. O discurso e prática solidários, existentes nessas manifestações artísticas é o que há de comum e inexaurível na sua prática na “cidade do axé”. E é isso que o diferencia de estilos musicais e artísticos voltados apenas para o mercado, para o estrelato. Inúmeros grupos de rap de Salvador sabem que “talento é pra vender”; desejam, sim, o estrelato sem desapegar-se do ativismo político. A solidariedade é o elemento original, surge da necessidade de enfrentamento criativo às ameaças à vida, à saúde, aos direitos humanos. Como projeto, a solidariedade é marcante na linguagem dos grupos de rap, que tem sido uma das soluções contra as agressões étnicas das políticas de saúde, de educação e da economia (Messias, 2015, p. 63-64).

Um movimento estético, epistêmico e crítico acerca da realidade da população negra brasileira: assim foi o *modus operandi* do Hip-hop e uma das suas vertentes, o Rap¹², no Brasil. Projetando a solidariedade, o ativismo político e a sobrevivência, o Hip-hop/Rap foi uma das forças significativas de constituição do ser e formação educacional que, a partir das produções acadêmicas (e que estão sendo evocadas neste trabalho) possibilita a visibilidade da juventude negra brasileira como constituinte de *ser*.

Na sessão anterior foram evocadas as epistemologias Afrocentricidade e Quilombismo para representar o modo existencial de *ser* produzido pela afrodiáspora, que reverbera na população negra brasileira. Aqui se encontram possibilidades com fundamento na própria movimentação da população negra brasileira, ponderando o questionamento da episteme eurocêntrica e racista, inserindo outras epistemes afrodiaspóricas para a luta antirracista. Lima salienta tais produções:

No campo educacional, além das inúmeras experiências com a escola pública (Munanga, 1996), reforça-se a existência de pedagogias teorizadas e experimentadas nos sistemas de ensino (pelo esforço dos intelectuais e militantes negros e negras) que ainda carecem ser estudadas, de forma consistente, na formação de educadores/as: a Pedagogia Interétnica, na

¹² O Rap, um desdobramento fragmentado da forma de *ser* do hip-hop, segundo Messias (2015), é um gênero musical (ganhando proporções maiores que o hip-hop) construído através da miscigenação de elementos como *sound systems*, *sample*, *break*, *Scratch*, *free-style* e *griots*.



década de 70, em Salvador, pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileira e sistematizado por Manoel de Almeida Cruz (Lima, 2017); a Pedagogia Multirracial [...] e, no século 21, a Pedagogia Multirracial proposta pelo Núcleo de Estudos Negros (NEN) de Florianópolis, intitulada Multirracial e Popular, tendo como inspiração o pensamento formulado por Maria José, e que reforça a luta contra o racismo como princípio imprescindível para o processo educativo no Brasil (Lima, 2021, p. 34).

A pesquisa de Lima (2021), tanto no mestrado como no doutorado, foi investigar algumas destas *pedagogias teorizadas e experimentadas* produzidas pela população negra brasileira. Seja na *Pedagogia Interétnica* (PI) ou *Pedagogia Multirracial* (PM) houvera um esforço intelectual e vivencial de pessoas negras que, em determinadas medidas, lutaram para obstruir o racismo *à brasileira*. A construção teórico-metodológica e inserção no dia a dia só se torna possível na partilha do comum, no movimento coletivista sobre entender as potências e possibilidades do *Outro*.

Conforme observado, a população negra brasileira esteve (e está) em constante contato com a educação, seja através do sistema de ensino ou nas escolas.

AFROCENTRICIDADE E QUILOMBISMO NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SUBSTANCIAIS

Ao longo das seções anteriores, foram evocadas algumas das epistemologias produzidas pela África, diáspora, Movimento Nero e população negra brasileira, a fim de eclodir na luta antirracista a partir da educação. Mesmo com obstáculos para impedir de se manifestar e existir na plenitude, a população negra brasileira vem transformando-se e (re)existindo. Deste modo, ao relacionar as questões étnico-raciais na educação, existe a necessidade de inserir as epistemologias afrocêntricas e quilombistas. Indo ao encontro de Nascimento (2009), é hora de expandir as produções afrodiaspóricas e perpetuar o patrimônio cultural crítico que foi constituído pelos antepassados.

Neste escopo da transversalidade étnico-racial e educacional, Nascimento (2019) tem como proposta a construção do *ABC do Quilombismo*. Refere-se a um alfabeto crítico do percurso que a população negra brasileira vem percorrendo ao longo dos séculos. Observemos o exemplo da letra C.

C. Cuidar de organizar a nossa luta por nós mesmos é um imperativo da nossa sobrevivência como um povo. Devemos por isso ter muito cuidado ao fazer alianças com outras forças políticas, sejam as ditas revolucionárias, reformistas, radicais, progressistas ou liberais. Toda e qualquer aliança deve obedecer a um interesse tático ou estratégico, e o negro precisa obrigatoriamente ter poder de decisão, a fim de não permitir que a comunidade negra, seja manipulada por interesses de causas alheias à sua própria (Nascimento, 2019, p. 296).



A partir da letra *C* evoca-se a construção epistêmica concreta de uma palavra do cotidiano para perfilar a constituição social do *ser*. Aqui é encontrado um tangenciamento entre o *modus operandi* de *ser* negro e uma força política. Desloca-se o pensamento, por exemplo, *educação neutra*, direcionando a um projeto educacional contundente com a luta antirracista e a partilha do comum. Não é um simples constructo social com a capacidade de se perpetuar, mas um diálogo ancestral sobre orientações dos antepassados acerca das possibilidades existenciais do que poderá vir a seguir.

Assim, o Quilombismo traz algumas propostas de ação para o governo brasileiro, das quais algumas são: apoio material e financeiro para os grupos afro-brasileiros com a finalidade de produzir pesquisas e expansão da divulgação para setores como educação; o estímulo na formação e desenvolvimento de lideranças políticas negras que representem os interesses da população afro-brasileira (Nascimento, 2019).

A produção de Noguera (2014) sobre o ensino de filosofia é contundente em revogar os ditames eurocêtricos vide uma filosofia praticada e exercida para incluir outras filosofias, tais quais são a Capoeira, o Jongo, a Congada, o Candomblé, a Afrocentricidade e o Quilombismo. Uma pluriversalidade epistêmica no propósito dialógico para apontar as diferentes abordagens sobre os modos de *ser/existir*.

No encontro de pensamento com Noguera, mas acerca das linhas editoriais, Jesus (2017) nos adverte que:

Outros autores que não seguem a mesma linha de pensamento e/ou pedagógica que é recomendada pela fixidez dos currículos não estariam autorizados a concorrer? Certamente esse é um nó, pois vertentes africanizadas que estejam deslocadas dos métodos psicopedagógicos europeus, dificilmente serão compreendidas pelos corpos técnicos, pois há desinteresse da academia em estudar outras possibilidades educativas senão os métodos da psicologia tradicional europeia. Talvez não consigam sequer estabelecer-se dentro de um corpo editorial devido à burocracia dos altos impostos (Jesus, 2017, p. 124-125).

Pertencem a linhas epistemológicas distintas, mas na concretude habitam o mesmo campo, a Terra. A pluriversalidade então debate tal campo acerca da necessidade do diálogo, de partilhar o comum, isto é, o movimento circulatório dos seres vivos que pelo intermédio do *Outro* se ressignificam e compartilham as relações sociais. A fixidez curricular pelo ditame eurocêntrico inviabiliza tal circulação e denega a própria constituição do *ser*.

Indo na contramão da imposição eurocêntrica na educação, a abordagem afrocêntrica tem na matriz a pluriversalidade de epistemes. Tal pluriversalidade é manifestada na projeção de agências, o que foi explicitado anteriormente. No imperativo de



exercer uma luta antirracista, a agência afrocêntrica, por exemplo, a partir da educação, vem não somente ressignificando o sistema de ensino e/ou a escola, mas também trazendo *novas concepções* (o diálogo com a ancestralidade) de estruturas e espaços afrodiaspóricos, isto é, meios da população negra brasileira se constituir.

A valorização de tais agências vem com propostas, por exemplo, a *Pretagogia* organizada e sistematizada por Sandra Haydée Petit.

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana (Petit, 2015, 119-120).

A agência teórico-metodológica que Petit vem construindo ao longo dos anos serve de referência afrocentrada para a formação docente, na constituição de profissionais afrocentrados que dialoguem entre as epistemes africanas (e diaspóricas) e a realidade escolar. Utilizam-se então algumas matrizes: o corpo-dança; a tradição oral africana; o pertencimento. Com base na autora, a implementação da Pretagogia é um movimento holístico de ensino/aprendizagem, assim criando a relação entre comunidade-escola.

Com extensa fundamentação teórica, a *Pretagogia* não se desvencilha do cotidiano para elencar os saberes presentes na formação docente. Segundo Petit (2015), nessa relação comunidade-escola são convidados mestres dos conhecimentos culturais aos espaços escolares ou a utilização de locais-recursos para aproximar a cosmovisão africana, isto é, espaços de práticas culturais. Assim também é manifestada a oralidade, já que desloca a escrita ou o livro como únicas fontes de conhecimento.

Deste modo, também é necessário salientar outras produções que questionem o currículo escolar, vide a produção do livro *Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica*, de Rosa Margarida de Carvalho Rocha (2007).

O livro de Rocha (2007) tem em sua finalidade auxiliar a docência na implementação da Lei n.º 10.639/03, seja nos livros didáticos (e paradidáticos), no planejamento de atividades pedagógicas e na utilização do âmbito jurídico-legislativo. Não somente focando na transdisciplinaridade entre saberes e no panorama da exclusão da população negra



brasileira, também indica outras produções da mesma vertente e *oficinas de sensibilização* com base nos símbolos Adinkra.

Se outrora houve uma movimentação teórica do MN e da população negra brasileira ao longo do século XX acerca da inserção dos saberes africanos, *diaspóricos* e indígenas, a produção de Rocha (2007) suscita de modo significativo toda a história da luta antirracista: um projeto pedagógico comprometido com as diretrizes educacionais a fim de auxiliar no diálogo, enfrentamento e combate às epistemes que impossibilitam os seres vivos.

É necessário salientar que as transformações educacionais com estas produções antirracistas ao longo das décadas são coerentes com as transformações não só nacionais, mas também internacionais. As pressões da Conferência Mundial das Nações Unidas de 2001 contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, em Durban; as intensas pressões sociais do MN, a perspectiva neoliberal adentrando na educação brasileira, a própria sociedade desigual, como aponta Theodoro (2022), enfim, inúmeros elementos vêm circulando na educação para disputar espaços de constituição do *ser*, a fim de servir a determinados propósitos, por exemplo, a manutenção da hegemonia epistêmica com a dita abertura estética¹³.

Muniz Sodré nos alerta que tais mudanças educacionais são crises no quadro do pensamento *único e eurocêntrico*:

No fundo, o que está sempre em questão no pensamento único e eurocêntrico sobre educação é a ideia de modernidade como uma forma estática e universal, presumidamente homogênea para a espécie humana. Novas e velhas concepções evolucionistas servem de lastros a essa ideia, variando a tônica – desde a *bildung* clássica, nostálgica da *paideia*, até o tecnicismo contemporâneo, que aposta no mercado e nas máquinas, buscando naturalizar como “moderna” a ideologia neoliberal que hoje se insinua como base da economia, da política e da educação (Sodré, 2012, p. 268).

Entram em choque as velhas arquiteturas sobre a constituição educacional, mas a própria concepção de educação se mantém inalterada, isto é, a presunção da espacialidade topográfica que deixa estabelecido um tipo de pensamento a partir da fisicalidade, fixando as agências educacionais em espaços preestabelecidos. A educação deixa de ser um processo intersubjetivo e concreto inerente à *humanidade* e desloca-se a um local cada vez mais tecnocrático e de matrizes mercadológicas, onde o capital circula e arbitra.

¹³ A utilização do termo (se é assim que podemos chamar inicialmente) *abertura estética* pressupõe ao contato superficial do *Eu* sobre o *Outro*, principalmente pela dita identidade/representatividade – imagens estáticas, formas de sujeição existencial – na qual ainda não acontece uma ruptura epistêmica, isto é, na qual os enquadramentos (ou formas sociais) se mantêm.



A atualidade mostra alguns dos novos desafios que o MN do século passado não enfrentou: os avanços da Inteligência Artificial (IA); o aceleramento da destruição total do ecossistema como conhecemos; a transformação da vida como uma engrenagem irrelevante para esta *estrutura* maquinica; o deslocamento da própria noção de educação e comunicação. Contudo, através dos antepassados/ancestralidade, é possível encontrar aberturas epistemológicas para trazer reflexões sobre os possíveis próximos passos a serem percorridos.

Tanto Afrocentricidade e Quilombismo dentro das velhas e novas emergências são instrumentos de constituição do *ser*, em disponibilidade para a população negra e sociedade brasileira. Já se tem produções educacionais para ser utilizadas, o que não impede que novas surjam, ou que ocorram *ressignificações* e novas interpretações sobre o tema. Por fim, a Afrocentricidade e o Quilombismo são algumas das múltiplas epistemes que podem ser utilizadas na educação para o combate ao racismo e a promoção da condução do próprio destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da formação do Brasil, a população negra vem (re)existindo às múltiplas adversidades impostas: o abandono do Estado brasileiro pós-sistema escravocrata europeu; a constituição complexa e a manutenção do racismo; os (re)arranjos das relações internacionais referentes à posição do Brasil; o apagamento histórico dos saberes afrodiaspóricos construídos; entre outros.

A luta existencial da população africana no sistema escravocrata europeu que criara os Quilombos deu origem ao conceito de Quilombismo organizado e sistematizado por Abdias Nascimento. A promoção da população africana e afrodiaspórica sobre seu modo singular de viver produziu posteriormente o conceito de Afrocentricidade produzido por Molefi Kete Asante. Não foram simples conceitos abstratos, mas concretudes desenvolvidas e perpassadas ao longo das gerações para serem utilizadas atualmente.

Na contemporaneidade, os processos iniciáticos para a constituição do *ser* reverberando nas relações sociais ganham a nomenclatura de *educação*, ou melhor, *educação formal*. *Educação* então se torna o caminho do século XX e início do século XXI para *ser* e se movimentar no *mundo vivido*. Para tudo que não adentre nesta perspectiva, são classificadas de *Educação informal*.

Diante das mutações educacionais ocorridas nesta contemporaneidade, foram (são) necessárias transformações da população negra brasileira e do Movimento Negro.



Encontramos então múltiplas propostas teórico-metodológico-científicas e políticas, como a *Pedagogia Interétnica* ou *Pedagogia Multirraciai*, a fim de suprir esta urgência por um *mundo vivido* mais justo. Se existem energias direcionadas que não são especificamente afrocentradas ou quilombistas, também temos aquelas que o são assumidamente, como o *ABC do Quilombismo* ou a *Pretagogia*.

Por tudo aquilo que foi debatido até agora, há uma dessimetria nas relações sociais entre a sociedade brasileira e a população negra. Durante todo processo de formação do Brasil com o eurocentrismo posto na vanguarda da ordem e progresso, são múltiplas as desigualdades enfrentadas pela população negra (seja educacional, política ou econômica), mesmo sendo a maioria no Brasil. Ter um maior deslocamento desta relação social significa direcionar as objetividades do presente/futuro.

É necessário entender que a educação na sua fundação capitalista como pragmática busca pela homogeneização, seja a mais elementar que for – a construção de um cidadão crítico; a formação de instruções básicas como ler e escrever para o mercado de trabalho; a constituição do *algo* como fator primordial que direciona a educação a ser obtida. O elemento fincado na atualidade é o eurocentrismo, isto é, subjugação de outras percepções aos padrões culturais europeus. Precisamos de outros caminhos que, por exemplo, a Afrocentricidade e Quilombismo podem proporcionar, que não estão isentos de críticas, pois não são sistemas fechados a *Si*.

Creio ser relevante entender os limites conceituais concretos produzidos pelos antepassados, para então projetar novas percepções ou mesmo transformá-los. Deste modo, evocar a Afrocentricidade e Quilombismo para a educação é um dos meios possíveis de promover a luta antirracista.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93 – 110.

JESUS, Fernando Santos de. **O negro no livro paradidático**. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do(a) negro(a) no Brasil II**: pedagogia multirraciai, o pensamento de Maria José Lopes da Silva (RJ). 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro(a) no Brasil**: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.



MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-hop: educação e poder, o rap como instrumento de educação**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.).

Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197 – 218.

NASCIMENTO, Eliza Larkin. Afrocentricidade e Quilombismo. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex (Orgs.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 20 – 23.

NASCIMENTO, Eliza Larkin. O simbolismo dos Adinkra. In: NASCIMENTO, Eliza Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Orgs.). **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Biblioteca Nacional, 2014.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança Afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores, contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual: Racismo e branquitude na formação do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Artigo recebido em: 02 de julho de 2025

Aceito para publicação em: 28 de novembro de 2025

Manuscript received on: July 02nd, 2025

Accepted for publication on: November 28th, 2025

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

